

PERSONA

YUMARA RODRIGUES: NA VASTIDÃO DO SEU PALCO ILUMINADO

YUMARA RODRIGUES: THE VASTNESS
OF HER ILLUMINATED STAGE

YUMARA RODRIGUES: EN LA INMENSIDAD
DE SU ESCENARIO ILUMINADO

CÁSSIA CANDRA

CANDRA, Cássia.

Yumara Rodrigues: na vastidão do seu palco iluminado
Repertório, Salvador, ano 25, n. 39, p. **161-173**, 2022.2

DOI: <https://doi.org/10.9771/rr.v1i39.49188>

QUANDO CONHECI YUMARA RODRIGUES

pessoalmente, em março de 2010, para escrever uma matéria jornalística sobre os seus 50 anos de teatro, fiquei admirada em como sua trajetória espetacular nunca havia sido contada em livro. Assim, a pauta da Revista Muito (A Tarde) saltou para as 195 páginas de *Yumara Rodrigues*, um dos títulos da coleção Gente da Bahia, escrito em 2010 e lançado em 2014. Ao visitar o volume, com o propósito de reunir alguns tópicos para este artigo, novamente me assombro diante da produção intensa, plural, vultosa e extremamente exitosa em seu nível qualitativo.

Atriz com pleno domínio de palco, Yumara Rodrigues tornou-se sinônimo de bom teatro. Cresceu nessa arte com os aplausos do público e o reconhecimento da crítica. Por suas qualidades técnicas, é considerada uma intérprete de nível internacional. Um talento premiado muitas vezes ao longo da carreira. Além de uma indicação ao Prêmio Molière (concedido aos melhores do teatro no eixo Rio-São Paulo), conquistou cinco troféus Martim Gonçalves, dado aos melhores da cena baiana nos anos 1970 e 1980, incluindo o de Melhor Atriz da primeira edição, em 1977, por sua interpretação como professora Margarida, protagonista de *Apareceu a Margarida*, metáfora de Roberto Athayde para a ditadura militar.

Ali já se desenhavam os contornos da atriz versátil, capaz de incorporar a atualidade do teatro e de se transmutar na dimensão plural de seus personagens. Em

sua performance se evidenciava a técnica precisa que encantou João Augusto Azevedo, criador do antológico Teatro Vila Velha, e outros renomados encenadores. Em seu impressionante repertório de mais de 50 espetáculos cabem drama, comédia e musical; teatro do absurdo, experimentalismo e “peças para crianças” – como prefere Yumara, para não dizer “teatro infantil”, cinema e televisão.

Os que se debruçam sobre este painel eclético e abundante que compõe a trajetória da artista, logo compreendem que é instintivo o movimento que a leva a borrar os limites da atriz-personagem. No exercício de composição, a entrega é absoluta. Assim, foram criadas performances que deram a Yumara o Troféu Martim Gonçalves Especial/Conjunto da Obra – Melhor Atriz, por *A Caverna* e *Dias Felizes*, de 1985. Se sua Winnie concentrou a densidade do texto de Beckett, em *A Caverna* (texto metafísico de Walter Smetak, montado por Paulo Dourado para a Companhia de Teatro da UFBA), a atriz teve que buscar outra perspectiva de interpretação, já que nessa peça de estrutura incomum, todos os personagens são parte do self de uma personalidade estilhaçada.

A presença cênica de Yumara depõe em outras criações que, para além do reconhecimento de crítica e público, identificam sua poética como potencial objeto de pesquisa nas artes dramáticas. O diretor Marcio Meirelles toma por base experiências em distintos períodos para fazer referência ao processo criativo da atriz. A primeira, em 1981, como figurinista de *Seis personagens à procura de um autor* (peça de Luigi Pirandello com direção de Harildo Déda), quando nos bastidores via Yumara se preparando para entrar no palco: “Eu a via sentada num banco, atrás do palco, se desfigurando; ali ela se transfigurava, se destruía toda. Quando entrava em cena, já estava feito”. (CANDRA, 2020, p. 58)

Outras nuances desse complexo processo de criação se revelaram em *A mais forte* (August Strindberg), espetáculo que o diretor encenou em 1983/1984, no Teatro Castro Alves (Foyer e Sala do Coro); e em 1997, no Cabaré dos Novos do Teatro Vila Velha. Em cada uma das montagens, coube a Yumara interpretar a dramaturgia de distintas perspectivas das protagonistas: numa era a amante; na outra, a esposa traída.

CRIADA NOS PALCOS

Nessa trajetória de seis décadas, que em muitos momentos se confunde com a própria história do teatro baiano, Yumara não se conteve no papel de atriz nem se ateve apenas ao tablado. Sua avidez pela expressão artística a levou a atuar também como diretora, autora, produtora e dubladora. Mergulhou nas profundezas do teatro, mas também quis vivenciar a estética do cinema – *O Pagador de Promessas* (Anselmo Duarte, 1962); *Tenda dos Milagres e Jubiabá* (Nelson Pereira dos Santos, 1977 e 1987, respectivamente); *Tieta do Agreste* (Cacá Diegues, 1996) e *Diário do Convento* (Edyala Yglesias, 1997). Em televisão integrou o elenco de várias novelas da Rede Globo: *O Bofe* (1972), de Bráulio Pedroso; *Bandeira 2* (1971) e *O Espigão* (1974), de Dias Gomes; e *Cavalo de Aço* (1973), de Walther Negrão, com direção de Walter Avancini e Tarcísio Meira encabeçando o elenco. No mesmo período, Yumara explorou ainda os instigantes recursos da dublagem, fazendo as vozes de Shirley MacLaine e Marilyn Monroe, em estúdios cariocas.

É admirável ver esta senhora dos palcos virar o século e chegar a 2022 debruçando-se sobre novos projetos. De onde vem essa energia? Como explicar tal voracidade pelo teatro? A artista que risca os salões dançando com suas personagens nasceu num palco imaginário e se criou muito antes de sua Lucília protagonizar *A Moratória* (peça de Jorge Andrade com direção de Otávio Graça Mello), numa atuação que conquistou o prêmio de Melhor Atriz do 1º Festival do Autor Brasileiro, no início dos anos 1960.

Aos sete, oito anos, Lygia Quintella Lins – este é o nome de batismo de Yumara – já produzia seus próprios espetáculos no Conde, sua cidade natal. Na memória afetiva, ainda guarda o “teatro” improvisado no quintal de casa, os palcos construídos com caixotes empilhados, as cortinas feitas de lençóis e até as broncas da mãe, que sempre acabava o show “com o chinelo na mão”. Entre os seis filhos, a caçula de dona Alódea era a que tinha inclinação para as artes. Já mocinha, na

década de 1940, em plena Era do Rádio, Lygia gostava de cantar em *A Voz do Conde*, programa transmitido pelo serviço de alto-falante da cidade.

Numa época em que fazer arte era sinônimo de transgressão, Lygia simplesmente seguia sua grande paixão. O encontro com o carioca Otávio Graça Mello, diretor teatral que já havia atuado na companhia de Bibi Ferreira, foi o primeiro passo em busca do teatro profissional. Assim, Yumara Rodrigues emergiu desta cena em que o teatro amador se esmerava para produzir espetáculos de qualidade. O nome artístico foi adotado um pouco depois, no início da década de 1960, durante a implantação do núcleo de teledramaturgia da TV Itapoan, primeira afiliada da TV Tupi em Salvador. Fazendo teatro, ela vivenciou as lutas pela profissionalização da classe na Bahia, entre as décadas de 1960 e 1980.

NOS TEMPOS DO VILA E OS “ANOS DE CHUMBO”

O percurso cênico de Yumara Rodrigues tem um de seus capítulos mais importantes escritos no Teatro Vila Velha (TVV). A jovem atriz deu passos firmes na carreira no palco que lançou Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Bethânia e Gal Costa no show *Nós Por Exemplo* (1964). Nesse tempo de significativa produtividade artística com referências emblemáticas de movimentos culturais – como o Tropicalismo, que surgiria alguns anos depois deixando profundas marcas nas artes brasileiras –, o TVV havia se transformado num dos mais expressivos centros culturais da capital baiana.

Instalado no bucólico Passeio Público, em Salvador, o Vila “era um ponto de encontro de intelectuais”, como declara o ator Othon Bastos (CANDRA, 2014, p. 50), integrante – ao lado de Carlos Petrovich, Carmen Bittencourt, Echio Reis, Sônia Robatto e Thereza Sá – da Sociedade Teatro dos Novos. Sob a liderança de João Augusto Azevedo, a companhia havia fundado o TVV, em 31 de julho de 1964, quatro meses após o golpe militar. Desse modo, o Teatro Vila Velha já nasceu

convocado a ser espaço de resistência e reagiu ao regime acolhendo artistas e estudantes perseguidos, abrigando encontros do movimento estudantil e se desvencilhando da censura para montar seus espetáculos.

Nessa época, apesar das dificuldades enfrentadas durante a ditadura militar, a classe teatral começava a se profissionalizar na Bahia. Yumara chegou ao Vila no meio dessa movimentação artística e política. João Augusto a convidou quando a viu atuar no palco do TVV, em 1965, pela Companhia Baiana de Comédias, de Jurema Penna, com a montagem de *O Zoológico de Vidro* de Tennessee Williams. Dirigida pelo norte-americano Bennet Oberstein, Yumara encarnou uma Amanda Wingfield tão convincente que arrebatou o prêmio de Melhor Atriz do ano (concedido pelo Jornal da Bahia).

No mesmo palco, atuou em espetáculos que se entrelaçam com a história do teatro baiano, como as montagens de João Augusto para o clássico de August Strindberg, *O Pelicano* (1966) e *Stopem! Stopem!* (1968), que escancarou a subversão em plenos “anos de chumbo”. Mas a censura não foi mais feroz que o desejo de Yumara de viver a arte. Assim, ela caiu na estrada – e exploremos aqui uma metáfora em amplo sentido. Entre 1969 e 1974, período em que viveu no Rio de Janeiro, ela trabalhou com profissionais renomados, como os diretores Amir Haddad, um dos criadores do lendário Teatro Oficina; e Luiz Mendonça, fundador do Movimento Popular do Recife e do Grupo Chegança, que em sua formação inicial reunia os atores Carlos Vereza e José Wilker. Foi Mendonça que a dirigiu em *As Incelenças*, numa atuação que rendeu à baiana uma indicação como Atriz Revelação para o Prêmio Molière de 1973.

No Rio, Yumara também investiu em aperfeiçoamento técnico, frequentando as oficinas de expressão corporal do coreógrafo Lennie Dale, criador do Dzi Croquettes, e fazendo aulas de teatro com Fauzi Arap, que já havia dirigido Maria Bethânia no show *Rosa dos Ventos* (1971).

MUITO ALÉM DOS LIMITES

De volta a Salvador, a produção volumosa e extremamente exigente em seu nível de qualidade marca o mergulho de Yumara nas entranhas de sua teatralidade. Na Bahia dos anos 1970, o teatro se manteve como lugar de resistência tendo como emblema o sucesso de *Apareceu a Margarida*. Foi um tempo em que a ditadura militar passou a se apresentar em palcos baianos usando figurino de mulher. Encarnando a figura da professora altamente repressora da peça montada por Manoel Lopes Pontes em plena vigência do Ato Institucional nº 5, Yumara Rodrigues fez história, pois naquele ano, os baianos formaram fila para ir ao teatro. Em algum lugar da plateia, ficaram encantados os aplausos do escritor João Ubaldo Ribeiro, do poeta Ildásio Tavares e do filósofo José Antônio Saja.

Após graduar-se em Direção Teatral pela Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, ela buscou ir além dos próprios limites, vestindo-se das personagens mais densas. Daí surgiram interpretações para papéis masculinos (ambos dirigidos por Paulo Dourado), como o chapliniano Senhor Puntilla, de *Senhor Puntilla e Seu Criado Matti* (1987) e o juiz Salomão, protagonista de *O Círculo de Giz* (1998).

As referências a esse repertório de peso do programa da Companhia de Teatro da UFBA, não estariam completas sem sua composição para a grande mulher brechtiana de *Mãe Coragem (Mãe Coragem e Seus Filhos)*. Encenado por Luiz Marfuz em 1998, este espetáculo foi sua última participação na companhia, onde atuou como atriz contratada e concursada desde 1981. Entre suas valiosas contribuições ao teatro, cabem ainda referências à implantação do Ciclo de Leituras Dramáticas, que Yumara retomou e coordenou durante sua passagem como técnica de nível superior pela Escola de Teatro da UFBA. Para este projeto de formação de atores, a atriz e diretora transportou sua preocupação com a qualidade e a mensagem dos textos, bem como com o tratamento do conteúdo em cena.

As leituras dramáticas tiveram um papel importante na carreira de Yumara também na primeira década dos anos 2000, sobretudo marcando seu retorno à cena, após o grave acidente automobilístico que ela sofreu em 2003 e que a deixou fora dos palcos por mais de dois anos. Foi com a leitura do texto *O Terceiro Setor*, sob a direção de Ewald Hackler, na Sala do Coro do TCA (2005), que a veterana fez mais essa retomada. “O palco é um lugar onde piso sem medo. Fora do palco, sou apenas humana”. (RODRIGUES, 2022)¹ Yumara precisa de poucas palavras para transcrever os argumentos que a atizam de volta aos palcos aos 88 anos e consciente de todas as limitações da idade. Não é racional, é orgânico. Há muita história – prosa e poesia – e um turbilhão de sentimentos emaranhados nesta contundente declaração da atriz, que se reconhece inteira no papel de “amante do teatro”. E é com todos os brechts, becketts, strindbergs e poetas de Cordel correndo nas veias, que a diva chega aos 62 anos de carreira preparando-se para novamente fazer o que ama e o que a consagrou. Protagonizando projetos assinados pelo ator e diretor Marcelo Flores e pela diretora, atriz e poeta Cristina Leifer, Yumara se apronta para retomar a cena deleitando-se com o *flow* envolvente da poesia e flertando com o experimentalismo provocante de novas linguagens, como o teatro-filme. Sutilmente, o palco que se esboça nas propostas dos encenadores vai se iluminando até ganhar o lugar de imensidão onde a atriz gosta de estar quando diz: “O teatro é luz em minha vida”. (RODRIGUES, 2022)² Impressiona a vitalidade da atriz perscrutando novos caminhos que a levem ao teatro. Há mais de uma década, Yumara não sobe no tablado. A última vez foi em 2010, quando a vimos interpretando *Aracne*, a fiandeira de memórias de *Monstro*, peça do dramaturgo Marcos Barbosa para o projeto *Mestres da Cena*, da Fundação Cultural do Estado, encenada no Teatro Gamboa Nova. Ao fim da temporada, fechou-se um ciclo. Mas a rica narrativa desta artista vigorosa que testou os próprios limites em cena, não se esgota em meio século de teatro. O ano de 2022 traz os auspícios de reabertura das cortinas, pois para além dos rumores, alguns projetos vêm ganhando materialidade. E se ela pudesse escolher? “Gostaria de fazer todos” (RODRIGUES, 2022)³, responde sem hesitar, como que tentando expressar a “saude imensa” por trás da expectativa que modera intermináveis diálogos com seus botões. A voz e o corpo, matéria-prima da arte teatral, irão responder quando a atriz os convocar? Que imagens seu “eu” corporificado irá imprimir em cena? Como será o reencontro com seu público? Da

1 RODRIGUES, Y.
Depoimento. Entrevistador:
Cássia Candra, Salvador, 9
abr. 2022.

2 RODRIGUES, Y.
Depoimento. Entrevistador:
Cássia Candra, Salvador, 9
abr. 2022.

3 RODRIGUES, Y.
Depoimento. Entrevistador:
Cássia Candra, Salvador, 9
abr. 2022.

nossa parte, nos indagamos: por que será que essa retomada ousada não nos surpreende? Talvez por termos nos acostumado a ver Yumara na inquietude de sua relação visceral com a arte, atuando, dirigindo, produzindo; expandindo o repertório dos palcos na TV, no cinema e nos estúdios de dublagem; testando suas habilidades como se estivesse apenas provando um novo figurino. Nós, da plateia – e acomode-se aqui um tanto de atores, encenadores e produtores que se deliciam em vê-la em cena – nos habituamos a aplaudir esse eloquente diálogo da atriz com o ato criador; bem como nos acostumamos à naturalidade com que ela conecta as dimensões prosaica e poética da vida – assim o fazem os que compreendem que “o trabalho pode comportar poesia ou mesmo virar poesia, quando se trata de uma atividade rica em iniciativa, em criatividade, em participação afetiva [...]”. (MORIN, 2012, p. 139) Yumara sempre encontra uma forma de fazer teatro. Nesses tempos em que tivemos que aprender a nos distanciar fisicamente, ela recorre ao WhatsApp para compartilhar calor humano em forma de versos, fragmentos da dramaturgia e pensamentos de autores que povoam o seu vasto repertório. Após coletá-los – a despeito das limitações da visão – os registra em áudio: “Jamais desista de ser feliz. A vida é um espetáculo imperdível”, diz a mensagem de 3 de julho de 2022, enviada com os votos de bom dia da atriz para a sua lista de contatos. De alguma maneira, o teatro está sempre ali, inspirando, traduzindo seus anseios. Não faz muito tempo, a estética das lives na internet já havia viralizado no cenário pandêmico e lá estava ela dizendo poemas no Instagram ou tecendo comentários em espetáculos virtuais de velhos parceiros de cena. Da mesma forma, com a tessitura de sua volta aos palcos, Yumara Rodrigues reafirma a arte como ato de resistência. E novamente veremos esta artista *avant-garde* a nos provocar, desafiando-se no tablado como se esta fosse sua única condição de vida plena.



ANTES DO PÔR DO SOL

Tudo indica que no primeiro espetáculo do novo ciclo, Yumara voltará ao palco dizendo poesias de Fernando Pessoa e de seu heterônimo, Alberto Caeiro, sob a

direção de Cristina Leifer, em nova edição do recital poético *Antes do Pôr do Sol*. A remontagem deverá seguir a mesma estrutura cenográfica original do projeto idealizado pela atriz e pela diretora. Na época de seu lançamento, em 2010, elas transformaram a sala de estar do apartamento de Yumara em um teatro intimista com palco e plateia integrados. As apresentações aconteciam sempre ao cair da tarde, simultaneamente a outro espetáculo: o pôr do sol na Baía de Todos-os-Santos. Era poesia para todos os lados. Montaram duas edições: uma com textos do poeta cachoeirense Damário Dacruz; e a outra, com repertório poético do dramaturgo alemão Bertolt Brecht, apresentada também na sala principal do Teatro Castro Alves, na qual a atriz compartilhou o palco com seu público. Em cada temporada, o recital contou com as participações do violonista Alexandre Bloisi, saudando Brecht; e da flautista Elena Rodrigues, celebrando Dacruz. Assim como nas temporadas anteriores, na nova montagem a diretora deverá incluir em cena um musicista com seu instrumento, recurso que tornará o recital ainda mais refinado. Desta vez, a inovação ficará por conta de mais uma ousadia das criadoras: “Yumara irá cantar. Embora não seja cantora, a atriz irá expandir-se em sua performance”. (LEIFER, 2022)⁴ A seleção das canções surgiu durante o processo de criação: “Em nossas conversas, Yumara ia cantarolando e anotamos algumas que ela gosta de cantar, como *Carinhoso* e *Rosa*, de Pixinguinha; *Nada Além* (Mário Lago e Custódio Mesquita); e *Fascinação*, eternizada na voz de Elis Regina”. A expectativa de Leifer (2022) é de um caloroso reencontro da atriz com seu público: “Vamos rever Yumara no palco, do jeito que ela gosta, viva e pulsante”. É importante ressaltar que a retomada do recital *Antes do Pôr do Sol* também ocorre a partir do reencontro de suas criadoras, em 2020, na fase mais austera da pandemia. Num cenário de distanciamento social, quando a classe artística rapidamente se reinventou em plataformas de apresentações virtuais para continuar criando e se mantendo conectada com seu público, Yumara foi uma das convidadas do *Recital Live*, projeto de Cristina Leifer para o edital *Estou Vivo?* Em uma das *lives* no Instagram @estouvivo.recitallive, elas surgiram brindando à vida e dizendo poemas da fadista Amália Rodrigues. A nova temporada de *Antes do Pôr do Sol* nasce impulsionada pelo entusiasmo da diretora e pela vitalidade da atriz.

4 LEIFER, C. Depoimento. Entrevistador: Cássia Candra, Salvador, 1º jul. 2022.

TEATRO-FILME, UM HÍBRIDO IRRESISTÍVEL

Em sua longa e produtiva trajetória artística, Yumara Rodrigues já atuou sob a direção de muitos dos mais prestigiados diretores teatrais da Bahia e agora se prepara para voltar ao palco em um projeto inovador de Marcelo Flores, cofundador da Cia. de Teatro Os Argonautas, coletivo que vem deixando sua marca na cena baiana pela originalidade de suas montagens. A ideia do encenador e da atriz trabalharem juntos começou quando ela assistiu ao espetáculo *Em Família*, peça de Oduvaldo Viana Filho, que tem a assinatura de Flores na direção e uma indicação ao Prêmio Braskem de Teatro como melhor espetáculo de 2018: “Fiquei muito honrado e feliz com o interesse de Yumara sobre o meu trabalho como diretor. Estreitamos os laços. Ela foi me assistir no teatro e dei depoimento num documentário sobre ela, por intermédio de outro grande ator, Gideon Rosa”. (FLORES, 2022)⁵ Com a maturação do diálogo, o diretor e a veterana optaram por uma produção no formato “teatro-filme”. A inspiração surgiu durante a temporada de *Dédalus – A última gravação*, projeto de Marcelo com o ator e diretor Harildo Déda, que teve apresentações transmitidas pelo canal YouTube da Cia de Teatro Os Argonautas, em agosto de 2021. Nas palavras de Flores: “*Dédalus* é o que a gente chama de teatro-filme, isto é, a partir da experiência estética teatral, desenvolve-se um conteúdo audiovisual, como um híbrido desse cruzamento. Eu não chamo unicamente de filme, porque tem esse condicionamento do gênero, então, seria um filme teatral, voltado para o teatro”. (FLORES, 2022)⁶ Sempre aberta às ideias vanguardistas, Yumara Rodrigues, que estava na plateia virtual de *Dédalus*, gostou da proposta e surpreendeu ao entrar no chat, após a apresentação do espetáculo. A partir daí, a atriz e o diretor passaram a considerar uma produção com as configurações daquele híbrido irresistível de teatro e audiovisual. Ao longo da pandemia, ideias surgiram de ambas as partes buscando a materialidade do projeto. Um dos primeiros textos já chegou às mãos de Marcelo Flores. Trata-se de *Pulando no Vazio sem Paraquedas*, encomendado pela própria Yumara ao dramaturgo Luís

5 FLORES, M.
Depoimento. Entrevistador:
Cássia Candra, Salvador, 25
abr. 2022.

6 FLORES, M.
Depoimento. Entrevistador:
Cássia Candra, Salvador, 25
abr. 2022.

Sérgio Ramos. O autor afirma que o tema da peça, uma abordagem ao vazio existencial, parte de uma provocação da atriz. No auge da maturidade, a artista que costuma dizer que “a vida é um teatro sem ensaio”, propõe uma reflexão no palco sobre o sentido da existência. “Sugeri o título e, no mesmo instante, ela aprovou”. (RAMOS, 2022)⁷ Sobre o processo de trabalho, o dramaturgo sublinha as peculiares contribuições de Yumara, através de um diálogo fluido e muito bem-humorado, via WhatsApp: “Ela me enviou áudios hilários, que me estimularam a tratar do tema com muito humor. Falar do vazio da existência não é fácil, mas foi muito leve e gratificante escrever esse texto”. (RAMOS, 2022)⁸ Outras dramaturgias devem ser cotejadas para análise de sua viabilidade no formato teatro-filme, mas a parceria já está em curso e com expectativas de ambas as partes. De um lado, Marcelo Flores estuda formas de realizar o projeto com “uma artista fundamental na cena baiana e uma das maiores atrizes brasileiras que terei a honra de registrar através do audiovisual”. (FLORES, 2022)⁹ De sua parte, Yumara se entrega à sua disposição para lançar-se em novas experiências artísticas. Talvez para sentir-se livre, como quando encenou uma peça de Gogol (*Diário de um Louco*) dentro de um ônibus, no Rio de Janeiro, na década de 1970; ou para novamente testar seus limites cênicos, como o fez ao aceitar o desafio de interpretar a Winnie, de *Dias Felizes* (1985), equilibrando-se entre a mobilidade intelectual do texto denso de Beckett e a imobilidade física de uma personagem que passa duas horas imersa em uma montanha de lixo cenográfico. Daqui, da plateia, mal podemos esperar para vê-la brilhar novamente na vastidão de seu palco iluminado. O teatro é sua fênix. Tomando suas asas, a diva sobrevoa a prosa para viver poeticamente, tal como nas reflexões filosóficas de Morin (2012) sobre o que é vivido com alegria, embriaguez, fascínio, comunhão e êxtase. A narrativa da atriz baiana pulsa nas entrelinhas; não cabe nas regras do jogo e parece sobrepujar o tempo do abrir e fechar das cortinas.

7 RAMOS, L. S.
Depoimento. Entrevistador:
Cássia Candra, Salvador, 11
jul. 2022.

8 RAMOS, L. S.
Depoimento. Entrevistador:
Cássia Candra, Salvador, 11
jul. 2022.

9 FLORES, M.
Depoimento. Entrevistador:
Cássia Candra, Salvador,
25 abr. 2022.

REFERÊNCIAS

CANDRA, C. Direcionamentos criativos em A mais forte. *In*: ALCÂNTARA, P. H.; UZEL, M. (org.). *Poéticas de Marcio Meirelles*. Salvador: Edufba, 2020.

LASSERRE, L. *Yumara Rodrigues: uma alegre canção feita de azul*. Salvador: SS Produções, 2013.

MATESCO, V. *Corpo, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MORIN, E. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Tradução: Juremir Machado da Silva. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.